

A Casa dos Fantasma - Volume I

Luiz Augusto Rebello da Silva

This page formatted 2007 Munsey's.

<http://www.munseys.com>

[A CAMILLO CASTELLO BRANCO. I. Uma noite desabrida II. O moinho da Raposa III. Duas paginas da historia d'este seculo IV. O bem soa, o mal voa V. Não ha atalho sem trabalho VI. Ressurreição de Lazaro VII. Segredos em toda a parte VIII. Entre os bastidores IX. Que talvez podesse servir de prologo X. Tolda-se o tempo XI. Achilles e Nestor XII. Arcades ambo! XIII. Dois parentes XIV. Amor XV. Cubiça e Nobreza NOTAS AO PRIMEIRO VOLUME.](#)

Produced by Ricardo F. Diogo, Rita Farinha and the Online Distributed Proofreading Team at <http://www.pgdp.net>

Nota de editor: Devido à quantidade de erros tipográficos

existentes neste texto, foram tomadas várias decisões quanto à

versão final. Em caso de dúvida, a grafia foi mantida de acordo com

o original. No final deste livro encontrará a lista de erros

corrigidos.

Rita Farinha (Maio 2008)

OBRAS COMPLETAS DE LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA REVISTAS E
METHODICAMENTE COORDENADAS

XI

ROMANCES E NOVELLAS—V

A CASA DOS FANTASMAS

EPISODIO DO TEMPO DOS FRANCEZES

2.ª EDIÇÃO

VOLUME I

LISBOA

Empreza da Historia de Portugal

Sociedade editora

LIVRARIA MODERNAR. *Augusta, 95*

TYPOGRAPHIA *45, R. Ivens, 47*

1908

VIII. Entre os bastidores

Lá sabemos como Leonor e seu pae conseguiram evadir-se sem as chaves da prisão saírem do

bolso do carcereiro. Agora cumpre-nos explicar a resurreição dos mortos na casa maldita, e esboçar em duas palavras a biographia do intrepido espectro, que, mascarado em alma do outro mundo para assustar os valorosos milicianos da comarca, ás ordens do sargento, baqueou das andas abaixo, transido de pavôr, por achar o defunto, de pé tendo-o visto entrar em braços dos creados.

Nos acontecimentos d'esta infausta noite para os agentes da policia franceza, o morto-vivo e o espectro medroso representaram um papel, que os torna dignos de nos demorarmos com elles por algum tempo.

Principiemos pelo honrado fazendeiro, cuja desastrada sina choram em côro as visinhas e as comadres da aldeia. Como o encontramos de repente são e escoreito com profundo terror dos sicarios, que se julgavam livres do seu nodoso cajado de marmeleiro? Que santo obrou o milagre de levantar da sepultura este Lazaro de japona para confusão e ruina dos inimigos? Como dormiu elle no reino das sombras tantas horas, e só accordou, como ao rebate da trombeta final, com o dobre fatidico da meia noite, hora fadada a visões, a trasgos e a feitiços?

As tres perguntas são razoaveis, e a curiosidade do leitor é natural. Desejariamos de bom grado asseverar-lhe, sem faltar á verdade, que o sabido condão do palacio deserto fôra o auctor de todos os prodigios, porém somos obrigados a confessar como sinceros chronistas, que até aqui o maravilhoso e o sobrenatural só existiram na imaginação escandecida de alguns dos actores, que pozemos em scena. Tudo o que passou se explica perfeitamente sem ser preciso prevalecermo-nos da má reputação da Casa Negra.

Em primeiro logar o Manuel Simões não resurgiu á sexta hora de entre os mortos, embora padecesse sob o poder do sargento Cabrinha, porque para resuscitar era necessario estar morto, e elle nunca chegou a fallecer! A bala do *Saporo*çou-lhe pela testa, ferindo-o de raspão, e lançando-o por terra sem sentidos; mas não penetrou na cabeça.

Quando vieram as mulheres, e entoaram em roda do seu corpo as nenias costumadas, principiava elle a voltar a si; e quando o João da Ventosa se aproximou, suando e esbaforido, porque do alto de um cabeça ouvira o tiro, e dois minutos depois descobrira no luz-que-fusque o *Sapo*, correndo em saltos de gafanhoto com a espingarda na mão, já achou o corpulento fazendeiro sentado no chão, muito tonto ainda como se recolhesse de alguma feira, ou romaria, porém sem lesão grave, e apalpando escrupulosamente todos os ossos e costellas.

—Ah! Ah! Compadre! gritou o rendeiro extendendo a mão ao amigo e contentissimo de o ter vivo. Com que então os caçadores andam pelo sitio, e fizeram-lhe alvo da cabeça? Safa demonio! ajuntou examinando-lhe a fronte mais de perto. Escapou mesmo por uma unha negra!... O maldito tinha-lhe vontade, e não queria perder a polvora. Upa!... Póde vir outra ameixa detraz do vallado, e custar-nos mais a engulir... Se foi só isso não é nada. Mas!...

—Ainda não foi d'esta, sôr compadre, e se eu soubesse quem me fez a esmola... com seiscentos milheiros... de cobras!... Moia-lhe os ossos com este cajado mais moidos que pimenta em almofariz... Patife! Atirou-me como a um lobo! Ah, sôr João, vossa mercê acaso veria quem foi o alma ruim?!... Parece que tenho dentro da cabeça a mó do moinho a zoar, e que me anda tudo á roda! Ora esta!...

—Olhe compadre, o melhor é mudarmos de pouso; depois falaremos. Alli em baixo, na fonte, ata um lenço molhado na cabeça, e lá em casa lhe diremos o que vimos. Agarre-se a mim, não tenha vergonha. Forte historia!

—Antonio me não chame eu, sôr compadre, se me ficar inteiro uma semana o ladrão, que me pregou esta bala! Hei de achal-o, mas que haja de descer vestido e calçado em busca d'elle aos infernos...

—Não será preciso, homem!... Agarra-o cá em cima sem ir tão longe. Mas ha de fazer o que eu disser.

—Pois vá! Olhe que o dito, dito! Isto não se leva a rir.

—Tem razão, compadre; vamos. Trago cá uma idéa!... Emfim! O que for soará...

Os dois pozeram-se a caminho, porém muito devagar, porque Manuel Simões de cinco em cinco passos cambaleava com vertigens, a que chamava nobremente vagados. Era noite fechada, quando avistaram a Ponte da Asseca, e a casa. Chovia e trovejava que mettia mêdo.

O João da Ventosa, que em todo o tempo não soltára palavra, labutando, contava elle depois, com a sua idéa, virou-se então para o fazendeiro e disse-lhe que se deitasse e se fingisse morto enquanto ía chamar os creados.

—Que me deite e faça morto, salva tal logar?! Oh sôr compadre?! exclamou o ferido. E para quê com um milheiro de cobras?...

—Para apanhar a raposa e as gallinhas na capoeira. Você não sabe, homem!? Não vê que se quem lhe atirou atinar que perdeu a bala muda-se com vento fresco, e nunca mais lhe pomos os olhos em cima... Estire-se-me já n'esse chão, não venha alguém. Nem trus, nem buz! Pela lingua morre o peixe.

—Ora essa!... Sempre tem cousas, este sôr compadre! Com que então ainda em cima quer que me espoje n'este charco, e que feche a bôcca a cadeado?... Vá lá! Por esta não esperava eu. Arrenego!

—Viu pescar á linha sem anzol, sôr casmurro? Vamos. Esse corpanzil já por terra, e caluda! Não me demoro.

Manuel Simões, resmungando, e praguejando, sempre se foi deitando no sitio mais enchuto.

Minutos depois tornou o compadre com o maioral e o abegão, em grandes lastimas por tamanha desgraça, e levaram-o por morto em braços até á cozinha da casa, aonde o vieram encontrar, como vimos, os dois assassinos.

Os creados, apesar de conhecerem por experiencia a força herculea do João da Ventosa, benziam-se de que elle tivesse carregado só com aquelle corpo, tão pesado, desde a azinhaga, como lhes disséra. Sentiam os braços derreados só de o trazerem de tão perto!

O lavrador mandou accender fogo, e pôr agua ao lume; pediu um alentado cangirão de vinho, uma tigela de assucar mascavado, e chamou de parte a tia Margarida, ministro feminino de todas as repartições domesticas da granja, para lhe confiar o occorrido, exigindo o maior segredo. A velha esconjurou-se, louvou a Deus pelo milagre visivel, e saíu, trotando e rosnando, para fazer a cama ao fazendeiro em um vão escuro, e desviar da cozinha a vista e as orelhas dos curiosos.

Seguiu-se um entre-acto bacchico, durante o qual a agua quente e o assucar serviram de pretexto ao vinho, o qual representou a parte principal. Estava já menos de meio o cangirão, quando a voz esganiçada de José Vardasca, diabrete de quinze annos, sobrinho do rendeiro, em altercação com o contralto enrouquecido da tia Margarida, obrigou os dois campeões a suspender as hostilidades. Manuel Simões amarrou o lenço manchado de sangue á roda da testa, de modo que lhe cobrisse a cara, e estendeu-se sobre a mesa de pedra. Um feixe de palha serviu-lhe de cabeceira, e uma manta cobriu-o até aos pés.

Ensaíada assim a peça, João da Ventosa abriu a porta, e com um—Olá!—que fez tremer as paredes, poz termo ao dueto da velha e do rapaz.

José Vardasca não vinha só. Acompanhava tres sujeitos, envoltos em capotes de baetão grosso de gola alta, cobertos com sombreiros de abas derrubadas, os quaes esperavam fóra da porta, no escuro, que elle dêsse ao tio o seu recado.

Ao que parece os viajantes eram conhecidos do rendeiro, porque apenas o rapaz lhe disse, quasi ao ouvido, algumas palavras, este correu sem chapéu apesar da chuva, e encaminhou-se para elles. Ninguém ouviu o que falaram, mas os creados viram desapparecer o amo e os hospedes por detraz do muro da horta, e recolher-se passado um pedaço o João da Ventosa só, em ar de quem se não tinha cansado com o passeio. As conjecturas dos servos não foram adeante. Cuidaram que elle saíra a metter os tres embuçados no atalho da azinhaga, e se acaso se admiraram foi, sendo tão largo e generoso, de lhes não ter dado agasalho em sua casa por uma noite, em que a agua era tanta, diziam os rusticos, que a podiam os cães beber de pé!

Mas o lavrador sabia melhor do que elles o que fazia. E nós, que não somos de segredos, e que não receiamos que a policia dos francezes nos tome contas em 1864, das conspirações de 1808, não duvidaremos revelar as razões do seu procedimento.

Os tres sujeitos eram nada menos do que tres delegados do conselho conservador de Lisboa, associação composta de patriotas dedicados á restauração da independencia e do throno legitimo, e decididos a todos os sacrificios para arrojam da sua terra os soldados de Bonaparte. Tinham atado relações em todo o Ribatejo com os homens que podiam ajudal-os em seu arriscado proposito, e

haviam partido dias antes da capital para se reunirem em Santarem com Manuel Coutinho e alguns cavalheiros do Sardeal, Leiria, Pernes e Rio Maior, no intento de assoprarem de mais perto a irritação popular, e de irem dispondo os animos para a sublevação geral, que meditavam, apenas as cousas lhes proporcionassem ensejo favoravel.

João da Ventosa, assim como o Manuel da Cruz, e outros visinhos, iniciados em parte do plano, executavam com cega fidelidade todas as ordens emanadas d'este governo occulto e revolucionario, que na ausencia da familia real, e em presença do jugo estrangeiro, representava para elles a unica e verdadeira auctoridade do paiz.

O rendeiro, pois, assim que os tres desconhecidos lhe repetiram as palavras, que serviam de senha aos amigos da liberdade—pelo rei e pela patria—largou tudo, e offereceu-se logo para o que mandassem com a maior submissão.

A reputação diabolica da Casa Negra, guardava-a por tal modo da curiosidade, que nenhum refugio mais seguro podiam encontrar os conspiradores, não só para pernoitar, mas afim de celebrarem as conferencias. Explicaram os seus desejos ao lavrador, e este, que o medo dos fantasmas não vexava, guiou-os pela horta a uma entrada secreta, disfarçada com um tapume de tábuas, e introduziu-os nas salas e aposentos do primeiro andar do palacio. Accendeu luz com o fuzil, ensinou-lhes alguns dos segredos dos quartos e corredores, e prometeu trazer-lhes vinho e refrescos.

A chegada do sargento e dos presos, espertando a imaginação do malicioso rendeiro, e a coincidencia de abrigar debaixo do mesmo tecto a victima e os assassinos, suscitou-lhe a idéa de salvar Paulo de Azevedo e sua filha das garras dos agentes de Lagarde, castigando ao mesmo tempo a perversidade de Cabrinha e do seu acolyto. Avisou os delegados do conselho de Lisboa, ajustou com elles a maneira de fazer evadir o cavalheiro de Mafra e Leonor, condemnou o fazendeiro á immobildade, assegurando-lhe em premio da sua paciencia as delicias da vingança, e para não omitir nenhum episodio distribuiu ao travesso José Vardasca o papel conspicuo de phantasma branco, marcando a todos a meia noite, como a hora mais oportuna para o feliz exito do drama.

Sabemos qual foi o resultado. Os milicianos fugindo, o *Sapocorrendo* até perder o folego, e o sargento estatelado sem sentidos no meio da cozinha! O que se tornou mais difficil foi calar os berros do intrepido José Vardasca, assombrado com a vista do fazendeiro, e convencel-o de que não estava com um defunto, mas com um homem vivo e inteiro. O rapaz não se rendeu á evidencia, senão depois que viu e apalpou como S. Thomé.

O sargento, cujos ossos ameaçou por umas poucas de vezes o cajado, ou antes a clava de Manuel Simões, e que o João da Ventosa não trabalhou pouco por salvar ainda d'esta vez, o sargento, desmaiado e inerte, foi levado para cima de um catre e vigiado por um dos moços com ordem de chamar o lavrador assim que abrisse os olhos. O fazendeiro da Aramanha, mal rompia a aurora, tomando o conselho do compadre, montou n'uma egua, e partiu para casa a descançar, não sem primeiro rezar um responso ás costellas do virtuoso Cabrinha e ao pescoço de Gaspar Preto, aonde quer que os encontrasse.

O sargento esteve duas horas sem accordo. Quando voltou a si não via senão fantasmas em redor da cama. Custou a socegal-o.

O que mais abalára aquella alma seraphica fôra a fuga dos seus presos! Não podia conceber como lhe tivessem escapado, e na sua dor pharisaica arrepellava as melenas, e blasphemava como um possesso, jurando contra Satanaz, contra a Casa Maldita, e contra si. Mesmo de noite quiz sair. Pediu o cavallo, outro espectro na transparencia e magreza, e cravando-lhe as esporas voou a Santarem, talvez na esperança de ainda pôr a mão em cima da presa.

Voltemos agora á Azenha de Cima, aonde deixámos Manuel Coutinho e o Antonio da Cruz, esperando pelas horas mortas da noite afim deprehenderem a campanha planeada por ambos.

Apezar da chuva caudal e dos relampagos, o moço do moinho, garoto leve como um ginete, que via de noite como os gatos, e era capaz de entrar pela bôcca de uma manilha, tinha sido mandado pelo amo á descoberta até á Casa Negra com ordem expressa de não se deixar agarrar, e de espreitar em roda com a sua curiosidade habitual. O rapaz partiu a correr, como se a agua lhe não batesse em cima ás torrentes, e uma hora depois voltava com a noticia de que os presos estavam na Casa Maldita, de que o

sargento, o *Sapo*, e os milicianos ceivavam regaladamente com o João da Ventosa, e de que o corpo do Manuel Simões fôra recolhido pelo lavrador, e jazia com uma véla aos pés e outra á cabeceira na mesma cozinha, aonde o beleguim emerito e seus sequazes se estavam banquetecendo.

Em toda esta chronica, narrada pelo moço com incrível volubilidade, o que mais socegou o animo de Antonio da Cruz foi a certeza, de que o cadaver do fazendeiro da Aramanha não desapparecêra, como se dizia, por artes do demonio. Estava prompto a medir-se e a arcar com uma companhia inteira de milicias, mas o inimigo do genero humano tremia só de cuidar que poderia encontrar-se com elle um só instante!

—Ah José! disse depois de certa pausa. Então o sôr João da Ventosa é que levantou o corpo do Manuel e o levou para casa?... Estás bem certo? Viste?...

—Com estes dois que ha de comer a terra, respondeu elle, fazendo uma cruz com os dedos, e beijando-a. Assim me Deus salve a minha alma. Ah patrão, que *dilui* de agua que vae por ahi abaixo! Parece que quer alagar-se hoje o mundo. Credo!...

—É verdade! accudiu o moleiro. Vens um pinto... Vamos! Que tal te sabia um trago, ou dois de agua pé, ein? A roupa não te pesa e estás tiritando que parece que te apanhou uma sezão...

O liquido medido com largueza pagou os trabalhos do moço, e o amo despediu-o logo depois, em quanto Manuel Coutinho passeiava de um lado para o outro inquieto e murmurando por entre dentes algumas palavras.

—Antonio! observou o mancebo, parando de repente defronte do moleiro, e encarando-o firme. Atreves-te a ires commigo á Casa Negra, para enxotarmos de lá o sargento e a sua quadrilha? Elles são oito, ou nove, mas nós dois bem armados e decididos?!...

—Valemos por dez ou doze. Vá feito, senhor! A espingarda é de dois canos e a choupa está amolada... V. s.^a quer a outra espingarda? É um instante em quanto se carrega?

—Não!... Sim!... Carrega! Guardarei as pistolas e a espada para o fim se for preciso.

—Quer que vamos já?... Sinto uns formigueiros n'este braço, que não me deixam senão quando assentar em cheio duas boas lambadas nas costas do sargento e na cabeça d'aquelle alma ruim do *Sapo*

...

—Não as perdem, mas espera!... Que bebam até cair. Nós os faremos erguer. Podes fumar homem!

—Com sua licença.

O dialogo acabou aqui. Manuel Coutinho sentou-se com a cabeça entre os punhos e os cotovellos na mesa, scismando, e o Antonio poz-se com todo o vagar a carregar e escorvar a espingarda. Depois foi ver as mós se tinham grão, abriu o ladrão da presa, e quando tornou, veio encontrar ainda o patrão na mesma posição com o relógio deante de si e os olhos cravados nos ponteiros.

—Agora! exclamou o mancebo levantando-se com impeto. É meia noite! Esperam por nós. Vamos! E cobrindo-se com a manta, que o Antonio extendera a enxugar ao lume, passou as pistolas no cinto, apertou o boldriê da espada mais alto, e pegou na espingarda.

O moleiro ainda se apromptou mais depressa. Enrolou-se na manta, cobriu com ella a coronha e os fechos da clavina, metteu-a debaixo do braço esquerdo, e empunhou com a mão direita o inseparavel varapau rematado pela choupa. No momento, em que estava dando volta á chave da porta um immenso clarão livido abriu os céus, o outeiro illuminou-se de fulgores sinistros, e a casa tremeu com a terra ao ribombo do trovão perpendicular. Apesar da sua intrepidez os dois recuaram quasi assombrados até ao meio do aposento: Santa Barbara! bradou o Antonio benzendo-se. Jesus! clamou o amo ao mesmo tempo. Ficaram immoveis ambos olhando um para o outro.

—Deixemos passar a maior, senhor! disse d'ahi a instantes o vigoroso aldeão. Ella anda mesmo por cima da nossa cabeça...

—Pois sim. Deixemos! redarguiu Manuel Coutinho sentando-se no banco defronte da porta.

Minutos depois outro relampago menor allumiou o campo, e á luz d'elle viram vir correndo ennovellado direito ao moinho um vulto, que mais parecia na velocidade um furacão, do que um homem.

—Oh lá! disse em voz cheia o moleiro. Castelhanos por aqui á meia noite?! Quem temos? É bom vêr sempre!...

Não teve tempo para mais, do que para se desviar, estender o braço, e segurar pela golla o impetuoso vulto, tão cego na partida, que se elle não se arreda a tempo, colhe-o pelos peitos, despedido como uma bala de canhão, e atira-o ao chão, porque trazia força para arrombar portas e paredes.

—Ah, sô amigo, aonde vamos com tanta pressa? exclamou o Antonio, o qual affeito a apanhar na praça os bois de cara, amarrava ao limiar com o vigoroso pulso o desconhecido, que, estafado e convulso, estacou arquejante e sem poder falar.

Manuel Coutinho, callado e quasi indifferente, havia-se approximado da porta, e contemplava a scena, como quem só desejava, que ella se não prolongasse. Antonio da Cruz adivinhou a impaciencia do mancebo, e voltando-se para elle disse-lhe:

—É um instantinho, meu amo! Entretanto amaina mais a chuva... mas nadar por estas horas com mouros na costa, nada!... Vamos, patrão, desate-me já a lingua, como desatava as pernas pelo cabeça arriba, e diga para ahi quem é, e o que faz correndo por esta linda noite até á porta da gente de bem!... Vamos, desembuche, senão!...

—Sou... Sou...

—É! É... Quem? Causa boa, não decerto. Com a breca! Entre que lhe queremos ver o focinho á candeia. Melros ás escuras podem sair morcegos!...

E ao mesmo passo arrastava para dentro da cozinha o vulto, que escorrendo em agua, e cortado de frio e medo, nem lhe resistia, nem tinha animo para articular palavra. Apenas lhe mettu a luz ao rosto, o moleiro, fitando-o, voou de um salto á porta, fechou-a, e voltando-se para Manuel Coutinho, disse-lhe com um riso amarello:

—Aposto que v. s.ª não é capaz de adivinhar quem o diabo nos trouxe por aqui? Sabe quem é este cara de fuinha?...

—Nunca o vi. Não o conheço.

—Pois olhe que perde!... Isto é o maior heroe cá dos sitios... Nem mais nem menos, do que o sôr Gaspar Preto, por alcunha o*Sapo*!...

—O*Sapo*? Já te ouvi esse nome... Será?!...

—O maior ladrão e traidor da cafila dos jacobinos... Oh, mas por aqui a esta hora, não é natural! O sargento Cabrinha não anda longe, aposto!... Este velhaco é o seu braço direito...

—Percebo!... bradou o mancebo, deitando tambem a mão ao*Sapo*, e saccudindo-o de modo, que se repetisse, ameaçava desconjuntal-o. Antonio! Não o deixes escapar! Foi Deus que o trouxe...

—Deus?!... Antes o demonio, cujo é!... Não importa. Veiu por guloso? Pagará as dividas que tem na minha conta. Se havia de ser amanhã é hoje. Gaspar! Toma sentido! Se não me respondes direito, por alma de minha mãe te juro, e sabes que nunca jurei em vão, que deixas aqui a pelle pelos nós d'essa corda, ou os ossos na vara do meu cajado...

—Sôr Antonio, por quem é!...

—Por quem sou mesmo. Prometti, e costume cumprir.

—Nunca lhe fiz mal...

—Hum! Nem bem!... Vamos! Cabeça alta e lingua solta. D'onde vens?

—Da Casa Negra, aonde appareceu o demonio ao sargento, a mim, e aos milicianos.

—Ah! Ah! accudiu Manuel Coutinho. Deixa-me perguntar. Este fio póde levar-nos longe.

Interrogado pelo mancebo, entre o pavor dos espectros e o medo das ameaças de Antonio da Cruz, Gaspar Preto fez uma confissão geral tão sincera, que até o segredo do tiro dado em Manuel Simões lhe saltou quasi todo da bôcca sem se sentir. O pavor ensandecia-o.

—E affirmas não estar já ninguem na casa, senão os presos?

—Ninguem, a todos os vi fugir, como lebres...

—E o sargento?

—Desappareceu. Foi o primeiro.

—Bem! Agora nós! atalhou o moleiro. O que vinhas tu aqui cheirar ante-hontem? Se disseres a verdade não te toco.

—Eu!... Eu!...

—Tu sim!

—Vinha ver... se havia gente de fóra por cá!... redarguiu o malsim contido pelo olhar firme de Antonio, e estorcendo-se como se lhe estivessem dando tratos.

—Ora graças a Deus! Já confessas!... Vinhas então como espia! Está bom. Outra pergunta. Quem foi ao Casal do Ouro? Fala!...

—Eu!... Suspirou tremulo o miseravel.

—Quem te mandou?

—O sargento... Que eu por mim!...

—Bem sei. Vamos a outra historia. Esta tarde deram um tiro no Manuel Simões?... Vê bem! Quem foi? Olha lá se mentes!...

Gaspar sentiu dobrarem-se-lhe os joelhos, fugir-lhe a vista, e zumbirem-lhe os ouvidos. Esbugalhou os olhos, e por mais que quizesse não pode pronunciar uma syllaba.

—Quem deu o tiro, quero saber! repetiu o moleiro, meneando o varapau e encarando o assassino com terrivel gesto.

—Não sei... Não sei...

—Sabes e viste. Essa cara de réo o está confessando. Fala. Quem foi?

—Eu!... por descuido...

—Descuidos teus, já sei. É o que suppunha. Agora vê lá!... O sargento não te tinha dito nada?...

Houve uma pausa longa. *OSapochorava, supplicava, mas não redarguia á interrogação.*

—V. s.^a já viu esmagar uma osga contra uma parede? bradou o Antonio fuzilando-lhe as pupillas, e convulso de cholera. Pois vae ver. Juro-lhe, se este cão se cala um minuto, que deixa os miolos n'aquelle muro.

—Pelo amor de Deus!... Sôr Antonio não me deite a perder!...

—O sargento sabia?... replicou o outro alçando o cajado.

—Jesus!... Não me mate!

—Sabia ou não?...

—Sabia!... rosnou o malsim quasi sem sentidos de terror.

—Quanto te prometeu... pelo tiro? Conheço-te. Tu de graça não o disparavas.

—Agora isso não! Póde matar-me, mas não confesso.

—Eu matar-te?... Para que? O carrasco não come pão de graça.

—Então entrega-me?!...

—Com anginhos nos dedos e ferros aos pés. Juro-te! Dize a verdade, homem. Do mal o menos. Quanto te prometeu? Olha que a corda, que ha de pendurar-te na forca, já está fiada e torcida...

—Se eu disser não me descobre?

—Não! O teu crime te descobrirá. Quanto?

—Seis moedas...

—Por conta, ou ao todo?

—Por conta. As outras seis... havia dar-m'as em Lisboa... quando levassemos os presos.

—Ah! Agora repara. Vamos ás nossas contas. Gaspar, devo-te uma sova mestra pelo natal passado e outra por este entrudo. Bem te has de lembrar por quê!... Mas perdôo-te, tudo, e até no tiro dado em Manuel Simões não hei de boquejar... se juras fazer ao sargento o que elle te mandou fazer aos outros...

—Matal-o?!... exclamou o *Sapo*, cuja vista feroz se inflammou.

—Não, maldito! A justiça que o mate, quando o sentencear!

—Então?!...

—Quero que vejas, que ouças, e que me digas tudo quanto elle fizer? Percebeste?

—Sim senhor...

—Vê lá. Se te escorrega um pé, ou a lingua, e eu o sei... guarda-te!

—Não ha de ter razão de queixa. Sou-lhe muito obrigado.

—Não me dê mel pelos beiços, que não sou abelha. Cuidado commigo. Depois!...

—Já lhe disse. Fique descansado.

—Fico, fico! Não tem duvida. Agora vens commosco á Casa Negra.

—Oh, sôr Antonio, por alma de sua mãe, pela sua boa sorte, tudo quanto mandar, menos isso...

Sirvo-o de rastos, estou prompto a lamber o chão aonde pozer os pés, mas tornar alli... isso não!

—Ah! Tens medo do diabo?...

—Mate-me, entregue-me, faça de mim o que quizer, mas não volto lá.

E as feições repulsivas do malsim exprimiam por tal modo o medo e o espanto, e revelavam uma resolução tão decidida de se expor a tudo para não obedecer, que Manuel Coutinho disse algumas palavras ao ouvido de Antonio da Cruz.

—Pois bem, esperarás por nós. Ahi te deixo agua pé e brôa. Mas sentido! Olha que te quero encontrar á volta!... Forte homem! Ter pavor assim de almas do outro mundo!...

—Ah! sôr Antonio! Se você visse!... O fantasma branco alto como um cypreste crescer para si, e o defunto sentar-se de repente e olhar... Ai Jesus! Parece que os estou vendo ainda! Quando me lembro cuido que enlouqueço!...

—Está bom! Está bom! Até logo! Com que viste o defunto e o fantasma?... insistia o moleiro serio e apprehensivo, olhando para o amo com certo enleio.

—Como o estou vendo a você, sôr Antonio. Credo!...

Manuel Coutinho encolheu os hombros, conchegou o capote e saíu. O Antonio não teve mais remedio senão seguil-o, mas apesar de todo o seu valor benzeu-se, e o coração batia-lhe mais rijo no peito, do que se visse um touro partir contra elle enfurecido.

IX. Que talvez podesse servir de prologo

Deixemos descançar por um pouco os heroes d'esta mui veridica historia, em quanto correremos rapidamente os olhos pelos successos, de que a Peninsula foi theatro n'este periodo memoravel.

Sem um resumido esboço, dos factos, que servem de fundo e de moldura ao quadro, difficilmente formará o leitor exacta idéa d'elle.

Os francezes, como dissemos, tinham atravessado as provincias, e entrado na capital com o nome de amigos. Retirando-se com a esquadra para o Brazil, o principe regente entregára em suas mãos o reino sem defeza. As ultimas ordens de sua alteza, datadas de 26 de novembro de 1807, ordens pacificas e conciliadoras, abrindo-lhes as fronteiras, ajudaram mais, que as armas, os generaes de Bonaparte a superar os obstaculos da invasão.

Junot confessou-o nas primeiras proclamações! A obediencia, tão elogiada por elle, e dictada pelas circumstancias, ainda não encerrava os ressentimentos, que tornaram depois vacillante e precario o dominio estrangeiro.

O regimen absoluto, que as reformas do marquez de Pombal não conseguiram remoçar, adoecia de incuravel decrepidez. Muitos homens illustrados, que o grandioso spectaculo dos acontecimentos advertia, suspiravam por uma renovação, que não podia nunca ser inspirada, bem o sabiam elles por experiencia, nem pelas idéas, nem pela iniciativa de um governo caduco.

Esta illusão de animos generosos durou pouco. Os que amavam sinceramente a patria depressa se desenganaram da vaidade das promessas dos conquistadores.

Estes, apenas se reputaram seguros, arrancaram a mascara, e pozeram termo ás complacencias. Assim que viu reunidos e repousados os corpos dispersos por longas e precipitadas marchas; assim que os soldados lhe pareceram restaurados da fome, das inclemencias da estação, e da aspereza do transito o general em chefe cançou-se de dissimular, falando com a altivez de vencedor aos que o tinham recebido como hospede!

Foi então geral o sobresalto. Os actos despoticos e oppressivos dir-se-iam calculados para irritar o ciume e o amor proprio do paiz. As guardas de Lisboa confiadas só aos francezes; o emprestimo forçado imposto ao commercio com o praso de vinte dias; a insolencia do famoso decreto de Milão condemnando como sujeito a resgate o reino que não fôra conquistado; as armas reaes picadas do

frontão dos edificios publicos; e a bandeira nacional arriada no castello e nas fortalezas, e substituida pelos estandartes tricolores, foram outros tantos erros dos dominadores, que a saudade da independencia registrou como ultrajes.

Desde o dia 13 de dezembro, em que Junot rodeado de pompas guerreiras, mandára baixar o pavilhão das quinas deante das aguias do Sena, nunca mais houve paz entre a nação offendida e os invasores. A luva ficou des'desse dia no chão por falta de chefe, que a levantasse; porém, decorridos mezes, Portugal erguia-se para responder á provocação, envidando valor equal aos brios.

Atraz da occupação da pequena monarchia, que o orgulho do gabinete de Saint Cloud estava ainda longe de suppor, que podesse tornar-se em breve um dos inimigos implacaveis de sua ambição, pouco se dilatou a invasão de toda a Hespanha. Assignando o tractado de Fontainebleau, que repartia os membros de Portugal entre os Bourbons, os francezes, e o principe da Paz, auctorizando a entrada de quarenta mil soldados em seus dominios, Carlos IV não percebeu que firmava a propria abdicação.

Bonaparte anciava um pretexto para realizar os seus designios. Deram-lh'o os enredos aulicos, o nucleo de descontentes, de que se rodeava o principe das Asturias, depois Fernando VII, e a má vontade de todas as classes contra o ministro omnipotente, valido do monarcha e amante da rainha; deram-lh'o igualmente a miseria, a inquietação, a decadencia geral, e o presentimento de immensas catastrophes.

As dissensões da cõrte, filhas da lueta do herdeiro da corõa com os soberanos e com o privado, D. Miguel de Godoy, e a indiscreta revelação dos agravos reciprocos, levada ao tribunal do imperador, para este sentenciar como arbitro a familia real, ajoelhada a seus pés, facilitaram a occasião appetecida por Napoleão I, precipitando a queda do ministro entre violencias e tumultos, coagindo a abdicação de Carlos IV, e apressando a saída de Fernando VII para Bayona.

Vendo por terra o diadema dos Bourbons de Hespanha Bonaparte não o restituiu a Carlos IV, nem a Fernando VII, cingiu-o na frente de seu irmão, o rei de Naples, escolhido para reinar entre bayonetas sobre a monarchia de Izabel a Catholica. Os principes despojados resignaram-se, mas a Hespanha protestou. Madrid insurgida deu o exemplo. Murat cuidou suffocar a sublevação pelo terror dos supplicios. Illudiu-se. O sangue vertido na capital em 2 de maio tornou irreconciliavel a nova conquista com o imperio. A nação respondeu aos canhões, aos fuzis, e ás execuções militares com a resolução indomita, que as adversidades confortam, e os triumphos exaltam.

A ira fez soldados os habitantes da Peninsula. O odio da servidão resuscitou os dias de Viriato e de Sertorio. Cada rochedo, cada tronco, de arvore, cada balsa escondeu um inimigo; e para repellir os oppressores até os velhos saccudiam os gelos da edade como mancebos, e as crianças pelejavam como homens. Por um, que expirava, erguiam-se mil. N'esta nova seára de Cadmo o ferro, tocando a terra, levantava legiões de heroes. O chão fugia debaixo dos pés aos veteranos da Italia e do Egypto, e a espada dos marechaes, quebrada sem gloria, ameaçava em vão as fragas de um territorio, que, alastrado de cadaveres, e abrazado pelas armas e pelos incendios, até cuspiam de si os ossos do estrangeiro, negando-lhes a paz do tumulo!

Oviedo, a antiga e venerada cõrte das Asturias, recordando, que suas montanhas tinham sido berço e asylo da renascença christã, alçou ousada o seu estandarte. Cadix e Sevilla acompanharam-n'a. Granada e Valencia insurgiram-se logo depois. Toledo, Santander de Biscaya, Saragoça, Tortosa, e Galliza, não ficaram atraz. Dentro em pouco os esquadrões francezes, encanecidos nas luctas d'esta epocha de prodigios, já não chamavam seu mais do que ao terreno aonde combatiam.

As juntas de salvação e defeza, á medida que as terras se iam sublevando, exprimiam o seu pensamento de porfiada resistencia. Filhas legitimas da revolução, os revezes e os sacrificios não as desanimavam. Diversas e oppostas muitas vezes no character e nos costumes, nenhuma trahiou o seu juramento. Preferindo para mortalha da Hespanha os muros voados e as torres arrazadas das praças de guerra e das antigas cidades, todas rejeitaram a clemencia injuriosa, que lhes promettia o perdão em troca do soberbo dominio a que a Europa quasi inteira curvava então a cerviz.

Os successos correram como a impaciencia dos contendores.

A invasão, que talára a provincia de Granada, derrotadas por Castaños as tropas imperiaes, foi obrigada a retroceder. A capitulação de Bailen quebrou o prestigio das legiões invenciveis. Os francezes,

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

